

Editorial

[Editorial]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2022, 12(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.2.665

Fernanda Cavassana

Universidade Estadual de Ponta Grossa
[State University of Ponta Grossa]

Ricardo Fabrino Mendonça

Universidade Federal de Minas Gerais
[Federal University of Minas Gerais]

Editorial

Fernanda CAVASSANA
Ricardo Fabrino MENDONÇA

Abrimos este número com o artigo de Silvano Pereira da Silva, Maria Dominguez, Ébida Santos e Patrícia Lima sobre o jornalismo de dados no Brasil. A partir da experiência dos jornalistas no uso de dados governamentais, a pesquisa identifica obstáculos práticos que se tornam problemas no momento de apuração das pautas jornalísticas. O texto suscita a reflexão sobre a importância das instituições, gestores públicos e curadores de dados abertos acompanharem a qualidade dos dados publicados e buscarem a efetividade da transparência que se propõem. Para citar um exemplo, mais da metade dos profissionais entrevistados no estudo consideram os dados abertos governamentais brasileiros de má qualidade. A pesquisa revela, ainda, dificuldades de comunicação entre jornalistas e curadores de dados. Entre as conclusões, autor e autoras sugerem que, para além da educação de profissionais que irão trabalhar com essas informações, há necessidade de aprimoramento na qualidade de bases estruturadas, acessíveis e abertas.

Em certa medida, a transparência pública também está presente no artigo de Ana Marusia Pinheiro Lima, sobre a produção de conteúdo da Câmara dos Deputados no TikTok. Cobrindo plataforma ainda pouco estudada e repleta de significação política, a autora aborda o uso entretenimento por uma instituição pública como recurso para atrair atenção, quebrar resistências, ressignificar valores, viabilizar reposicionamento de imagem e contribuir para a educação política. A análise indica que a gramática do TikTok pode gerar algum engajamento em torno de temas áridos, viabilizando um diálogo entre instituições públicas e audiências frequentemente avessas aos temas por elas trabalhados.

No terceiro artigo deste número, Mércia Alves e Joyce Miranda Leão Martins abordam a construção do discurso da candidatura de Geraldo Alckmin à presidência em 2018, com foco no eleitorado antipetista. As autoras analisam como o HGPE foi utilizado para desenvolver um discurso de candidatura viável em face da polarização observada. A pesquisa constata como a campanha no horário eleitoral presidencial do PSDB dividiu-se em três fases: iniciando-se com estratégias discursivas que acionavam o “antipetismo racional”, especialmente em contraponto à candidatura de Jair Bolsonaro; passando a construir Alckmin como a face da terceira via; e rendendo-se ao

“antipetismo emocional” na fase final da campanha, semeando o temor de que Bolsonaro não pudesse impedir a vitória do PT. Assim, ao final do horário eleitoral, o discurso do PSDB se tornou o de que Alckmin estava em campanha justamente para derrotar o PT, desviando o foco de Bolsonaro.

A televisão e a ascensão midiática de Bolsonaro também são temas do quarto artigo desta edição. O texto de Vitor Piaia e Raul Nunes discorre sobre a normalização da imagem de Bolsonaro e de seu discurso em diversos programas de TV aberta de alcance nacional entre 2010 e 2018. Nas 34 participações catalogadas em programas de entretenimento, Bolsonaro pode pautar diversos temas do movimento conservador de forma recorrente. Os pesquisadores evidenciam como o entretenimento fez parte da estratégia arquitetada pelo político para se apresentar como o “principal produto do renascimento do movimento conservador brasileiro”. Eles também assinalam como a postura de Bolsonaro foi se readequando na medida em que sua projeção política aumentava e indicam o uso de fragmentos desses programas por sua base virtual, que impulsionou sua candidatura.

A comunicação eleitoral também é o tema do artigo de Leonardo Costa, Tiago Lucena e Graça Rossetto. Investigando o uso do Instagram na disputa para as eleições municipais de Maringá (PR) em 2020, a pesquisa revela uma utilização fundamentalmente informacional da plataforma, que se centrou em grande medida na autoapresentação positiva dos candidatos. O artigo revela o predomínio de *stories* a *posts* no *feed*, bem como a escassez de recursos interativos e convites à participação. O estudo evidencia, assim, como a plataforma atende, principalmente, à campanha personalista, focada em apresentar o candidato e auxiliar na construção de sua imagem pública.

Por fim, este número traz dois importantes extras. O primeiro é a tradução, por Camila Cabral Salles e Camila Moreira Cesar, do artigo “Pathologies of the public sphere and fascist agitation: lessons from critical theory”, de Olivier Voirol, professor da Universidade de Lausanne, na França. O texto traz uma relevante reflexão sobre o empobrecimento informacional da esfera pública, não apenas como consequência de conteúdos mobilizados por determinados grupos específicos, como os fascistas ou de “direitas extremas”, mas também pela renúncia coletiva de buscar racionalidade para a esfera pública e, conseqüentemente, pelo encorajamento de comportamentos inconseqüentes e reações marcadas pelo que chama de emotividade impetuosa.

O segundo extra e último texto deste volume é uma resenha de Angela Nelly dos Santos Gomes sobre a obra “Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas”, organizado por Leandro Lage. Trata-

se de uma coletânea relevante que propicia a reflexão sobre a Amazônia, cotidiano e levantes históricos da região a partir das múltiplas potencialidades expressivas das imagens.

No mais, desculpamo-nos novamente pelas falhas técnicas que têm dificultado nosso processo. O último número de 2022, já em diagramação, estará publicado muito em breve e os números do volume de 2023 já estão em processo de editoração por nossa dedicada equipe editorial. Reforçamos que recebemos artigos para avaliação em fluxo contínuo e agradecemos, sempre, às pesquisadoras e aos pesquisadores parceiros que contribuem como pareceristas em nosso processo de *blind review*, garantindo qualidade ao debate científico e acadêmico que nos dedicamos. Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos em relação das submissões em andamento em nosso sistema.

Boa leitura!

Sobre o editor e a editora

Fernanda Cavassana é doutora em Ciência Política (UFPR), professora colaboradora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e editora-chefe da Revista Compólitica.

Ricardo Fabrino Mendonça é doutor em Comunicação Social (UFMG), professor associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e editor-chefe da Revista Compólitica.

E-mail: revista@compolitica.org.br